CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DO CURRÍCULO E AS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS

WAGNER DOS SANTOS[*]

RESUMO

Analisa a produção científica dos estudos com os cotidianos, destacando a importância de Nilda Alves e Regina Leite Garcia para a constituição e consolidação desse grupo no campo do currículo. Tem como fonte as Reuniões Anuais da Anped, a Revista Brasileira de Educação e os livros publicados pelo Grupo de Trabalho Currículo em parceria com a UniCamp, no período de 1995-2008. Os resultados são analisados segundo os grupos de pesquisa, instituições, autores de referência e as teorizações produzidas para o campo do currículo que assumem as pesquisas com os cotidianos.

Palavras-chave: Produção acadêmica. Anped. Currículo.

ABSTRACT

CONSTITUTION OF CURRICULAR FIELD AND RESEARSHES IN/FROM/WITH DAILY LIVES

Analyzes the scientific production of daily life studies, highlighting the importance of Nilda Alves and Regina Leite Garcia for the establishment and consolidation of this group in curricular field. Has as source the Annual Meetings of ANPED (National Association of Postgraduate Studies and Research in Education), the Brazilian Journal of Education and the published books by the Work Curriculum Group in partnership with UniCamp (University of Campinas), in the 1995-2008 period. The results are analyzed according to the research groups, institutions, reference authors and theories produced for the curricular field to assumed research to the daily life.

Keywords: Academic production. Anped. Curriculum.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a produção científica do grupo que denominamos *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os*

[*] Doutor em Educação pela UFES. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFES. Líder do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física – Proteoria.

cotidianos, destacando a importância das pesquisadoras Nilda Alves e Regina Leite Garcia para a constituição e consolidação do próprio grupo. Nossas análises se darão na articulação com os grupos de pesquisa, autores de referência, usos e apropriações desses autores e o debate produzido no campo do currículo. Para tanto, destacamos, dentre os espaços/tempos de produção/circulação teórico-prática historicamente constituídos no Brasil, a Anped (Revista Brasileira de Educação e Reuniões Anuais) no período de 1995-2008.[1]

Com esse movimento, apresentamos, pela via da pesquisa histórica, as *relações de forças* (GINZBURG, 2002) estabelecidas em contextos de produções e consumo epistemológico, delineando o jogo convencional do *campo científico* (BOURDIEU, 1983, 1989) produzido pelas ações *táticas* e *estratégicas* (CERTEAU, 1994) dos autores, atores e grupos de pesquisa.[2]

A complexidade dos movimentos no campo epistemológico do currículo no Brasil, nas três últimas décadas, e os percursos que se entrecruzam em espaços/tempos de produção acadêmico-científica chancelados pela Anped apontam para a possibilidade de lermos as fontes prestando a devida atenção aos Programas de Pós-Graduação, orientadores, grupos de pesquisa e referencial teórico.

Entretanto, levando em consideração a política editorial das diferentes sessões do GT Currículo, da Revista Brasileira de Educação e o objeto deste artigo, fizemos a opção por selecionar para análise as sessões: trabalho Apresentado, Trabalho Encomendado, Livros publicados pelo GT em parceria com a UniCamp, derivados da sessão Trabalhos Encomendados, e os textos veiculados na revista.

Essa opção justifica-se pelos seguintes fatores: a) a sessão Trabalhos Apresentados por fazer circular, mediante avaliação do Comitê Científico, uma pluralidade de autores e perspectivas teóricas; b) a sessão Trabalhos Encomendados, por ser um lugar em que se manifestam, por meio do reconhecimento dos pares e convite do GT, os autores de referência no campo do currículo e seus grupos de pesquisa; c) os Livros por demarcarem a produção,

[1] Delimitamos um período que contemplasse o primeiro número da Revista Brasileira de Educação. Além disso, consideramos o fato de as Reuniões Anuais só publicarem trabalhos completos a partir de 1995.

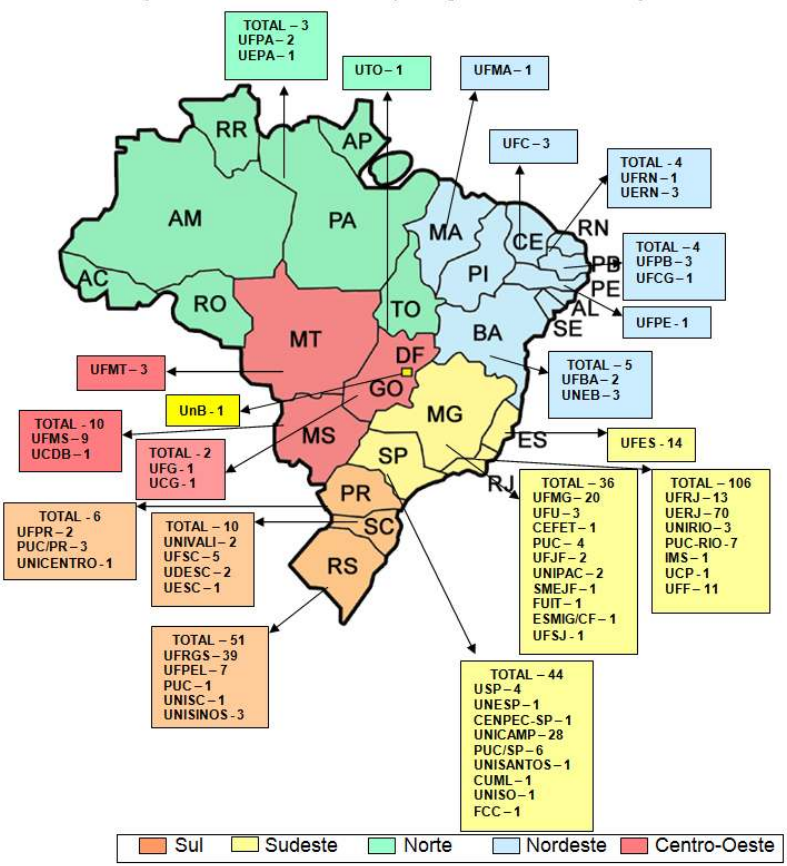
[2] Estudos correlatos foram elaborados por Lopes e Macedo (2005) e Paraíso (2004). É preciso ainda destacar o mapeamento encomendado pelo GT Currículo produzido individualmente por Antônio Flávio Moreira, Alfredo Veiga-Neto, Nilda Alves e publicado na Revista Brasileira de Educação em 2003.

via convocação feita pelos coordenadores do GT aos grupos de pesquisa; d) a Revista Brasileira de Educação, por ser um impresso que se propõe, entre outros fatores, a publicizar as produções expressas na Anped, apresentando-nos pistas sobre a circularidade dos autores e grupos de pesquisa.

O ato de debruçarmos sobre a produção veiculada na Anped, tendo como foco as fontes apresentadas, teve por base o reconhecimento da importância dessa Associação para a comunidade acadêmica. A ANPED é uma das principais entidades científicas do campo da educação no Brasil e, como tal, vem desempenhando um importante papel na divulgação/produção de conhecimentos sobre a educação, a pesquisa e a pós-graduação. Especificamente no que concerne ao Grupo de Trabalho Currículo, entendemos, assim como Veiga-Neto e Macedo (2007, p. 9), como um "[...] espaço privilegiado de divulgação e aprimoramento de nossas pesquisas e, portanto, ao falar sobre ele, estamos, também, nos referindo a uma importante instância para a institucionalização da pesquisa em Currículo" e para produção de conhecimento.

PROCEDÊNCIA TERRITORIAL, INSTITUCIONALIZAÇÃO E AUTORES DE REFERÊNCIA

Nas sessões Trabalhos Apresentados, Especiais, Trabalhos Encomendados e Minicursos, foram constatadas 324 participações no período de 1995-2008. No Mapa 1, apresentamos a distribuição numérica dos trabalhos por região, Estado e instituição.



MAPA 1 – Distribuição por região, Estado e instituição
FONTE – Elaboração do próprio autor.

Diante desse cenário, é oportuno destacar o lugar ocupado pelas instituições do Sudeste e do Sul no cenário acadêmico da pesquisa, já que é, nessas regiões, que estão localizados os centros de referência da pós-graduação em Educação. Nelas, também encontramos o maior número de universidades, de grupos de pesquisas e de agências de fomento à pesquisa.

Das 200 participações da Região Sudeste, 106 (52%) são oriundas do Estado do Rio de Janeiro, seguido por 44 (23%) de São Paulo, 36 (18%) de Minas Gerais e 14 (7%) do Espírito Santo. Dentre as 20 instituições da Região Sudeste, sete são do Estado do Rio de Janeiro, oito de Minas Gerais, cinco de São Paulo e uma do

Espírito Santo. Constatamos o predomínio de instituições públicas.

Além de concentrar o número de publicações, a Região Sudeste apresenta, também, o maior número de instituições, publicando nas diferentes sessões que compreendem o GT Currículo. Esse achado reforça o argumento sobre a regionalização da produção científica e sua concentração nos Estados em que há um fortalecimento dos programas de pós-graduação, bem como de orientadores que se dedicam ao tema.

Uma análise mais detalhada, tomando como referência as instituições e as Reuniões Anuais, evidencia que a Universidade Estadual do Rio de Janeiro é responsável por 70 participações. Outro fato interessante é que essa instituição, bem como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possuem estudos publicados em todas as Reuniões Anuais (RA) analisadas.

Dentre os autores que têm se constituído como referência do grupo em análise neste artigo, vinculados à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, temos Nilda Alves.[3] É uma das poucas pesquisadoras, dentre todas as instituições do Brasil que possuem produção vinculada em todas as sessões que compõem o projeto editorial do GT Currículo. São seis participações, um Trabalho Apresentado (22ª RA), um Minicurso (27ª RA), uma Sessão Especial (27ª RA) e três Trabalhos Encomendados (28ª à 30ª RAs).

Inês Barbosa de Oliveira tem oito participações,[4] distribuídas da seguinte maneira: quatro Trabalhos Apresentados (19ª, 22ª, 24ª, 26ª RAs), duas Sessões Especiais (28ª e 30ª RAs) e dois Minicursos (25ª e 31ª RAs).

Ainda sobre a distribuição de trabalhos por instituição no Estado do Rio de Janeiro, encontramos a participação em onze atividades de pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, distribuídas em dez RAs. Na relação com o grupo *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos,* estão Regina Leite Garcia e Edwiges Zaccur, responsáveis por seis dessas participações, três cada uma. A colaboração de Regina Leite Garcia se apresenta com um Trabalho Apresentado (19ª RA), um Minicurso (24ª RA) e um Trabalho Encomendado (28ª RA). Já Edwiges Zaccur é responsável por dois

[3] Construímos quatro quadros, um para cada sessão do evento, indicando: grupos de pesquisa dos autores; orientadores *stricto sensu*; ano e instituição em que fez a pós-graduação; número da RA em que publicou; e instituição a que o autor está ligado. Para a elaboração dos quadros, consultamos os currículos na plataforma *lattes*.

[4] Ainda dessa Universidade, temos Elizabeth Macedo com dez trabalhos; Rita Frangella e Alice Casimiro Lopes com oito cada uma; Débora Barreiros, Mailsa Passos, Paulo Sgarbi e Monique Franco com quatro.

Trabalhos Apresentados (19ª e 21ª RA) e um Minicurso (24ª RA).

O segundo Estado com maior participação é São Paulo, responsável por 44 trabalhos. Dentre as universidades, destaca-se a de Campinas (UniCamp) com 28. As demais instituições não ultrapassam o quantitativo de seis trabalhos cada uma. Esse achado revela a concentração de 60% das participações do Estado de São Paulo em uma única universidade. Outro fator também relevante está na concentração da participação da Unicamp nas RAs realizadas entre 2005 e 2008.

Quanto à circulação dos autores que identificamos como pertencentes ao grupo *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos*, temos a presença de Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, que coordenou a sessão Trabalhos Encomendados da 28ª à 31ª RAs, bem como publicou quatro estudos, um em cada reunião. Apresentou, ainda, dois artigos no formato Trabalhos Apresentados (23ª e 25ª RAs), duas Sessões Especiais (29ª e 30ª RAs) e um Minicurso. Somando-se todas as participações de Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, chegamos a nove trabalhos e quatro coordenações.[5]

No que tange ao Estado do Espírito Santo, observamos a participação apenas da Universidade Federal com 14 trabalhos. Em número de participação, a Ufes representa a 4ª instituição do Sudeste e a 5ª do Brasil. Um fato que nos chama a atenção concerne à centralidade da produção em Carlos Eduardo Ferraço. Esse autor circula da 22ª à 31ª reunião, exceto da 25ª.

Somando todas as participações, observamos o quantitativo de nove colaborações, dois nas sessões Minicursos (25ª e 30ª RAs) e dois Trabalhos Apresentados (22ª a 23ª RAs). Há um predomínio de publicação por parte desse autor na sessão Trabalhos Encomendados, com cinco colaborações (27ª à 31ª RAs). Dessas, uma foi elaborada em parceria com Janete Magalhães Carvalho e Regina Simões (28ª RA) e outra somente com Janete Magalhães Carvalho (31ª RA).

A sessão Trabalhos Encomendados e o impresso produzido em parceria com a UniCamp têm se constituído como um importante lugar para se compreender a formação do campo do currículo no Brasil, pois é nela que diferentes grupos de pesquisas têm feito circular suas contribuições.

Uma análise das Reuniões Anuais realizadas nos anos de 2009 a 2015 reforça a presença dos pesquisadores apresentados

[5] Da UniCamp temos ainda três participações de Silvio Gallo.

até o momento no GT Currículo e as relações de parcerias estabelecidas por eles. Nilda Alves, por exemplo, participou da Sessão Especial em 2009, do Trabalho Encomendado em 2010, como debatedora, com a coordenação de Antônio Carlos Amorim, e da Sessão Especial em 2013. Já Regina Leite Garcia participou da Sessão Conversa em 2009.

Além da publicação desses pesadores, encontramos a dos seus orientandos de Mestrado e Doutorado na sessão Trabalhos Apresentados. Não se configura como uma marca do grupo *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos* a publicação em parceria com os orientandos, porém, em uma análise ampliada, observamos o impacto de suas orientações na produção do GT Currículo. Isso evidencia o lugar ocupado pelos Programas de Pós-Graduação no GT, bem como revela os pesquisadores(as) que vêm se dedicando a Projetos de Pesquisa sobre currículo, como é o caso de Nilda Alves e Regina Leite Garcia.

O campo da produção curricular dos estudos com os cotidianos é estabelecido por uma rede de parcerias entre grupos de pesquisa de diferentes instituições do País, sobretudo as localizadas na Região Sudeste. Esses pesquisadores têm fortalecido suas parcerias na produção de pesquisa e de suas publicações, por meio de livros, artigos em periódicos científicos e participação em congressos, como os da ANPED. Especificamente na ANPED, o lugar privilegiado para circulação desses sujeitos são as Sessões Trabalho Encomendado, Especial, Conversa e Minicurso.

Além disso, é preciso destacar o lugar de decisões políticas e acadêmicas ocupado por autores pertencentes a esse grupo, como Antonio Carlos Amorim, Carlos Eduardo Ferraço, Inês Barbosa de Oliveira, Janete Magalhães Carvalho e Nilda Alves na coordenação, vice-coordenação ou na representação do Comitê Científico do GT Currículo. Do ano de 2004 até 2015, encontraremos representantes desse grupo em, pelo menos, um desses cargos, sempre com a participação de pesquisadores de outros grupos.

Por fim, verificamos a tessitura de uma rede que estabelece fugas de tempos, espaços e lugares, já que as instituições de referência no campo do currículo no Brasil e seus professores orientadores formam novos professores, que também formam outros pesquisadores. Assim, mapeamos duas, três, quatro gerações de orientadores. É o caso de Carlos Eduardo Ferraço, orientado por Nilda Alves e Regina Leite Garcia; Edwiges Zaccur e Maria Tereza Esteban do Valle, orientadas por Regina Leite Garcia. A leitura, com base na identificação desses pesquisadores e de seus orientandos,

possibilita-nos a ampliação da rede entre diferentes grupos de pesquisa e instituições. Dito de outro modo, embora identifiquemos diferentes grupos de pesquisa em várias instituições do País, é possível aproximá-los, quando assumimos como referência os orientadores e os autores de base desses grupos.

ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: CURRÍCULOS E AS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS

A complexidade dos movimentos no campo epistemológico do currículo no Brasil e os percursos que se entrecruzam em *espaçostempos* de produção acadêmico-científica, chancelados pela ANPED, apontam para a possibilidade de lermos as fontes prestando a devida atenção aos Programas de Pós-Graduação, orientadores, grupos de pesquisa e referencial teórico.

Entretanto, levando em consideração a política editorial das diferentes sessões do GT Currículo, da Revista Brasileira de Educação e o objeto deste artigo, optamos por selecionar apenas a produção realizada pelo grupo que denominamos *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos*.[6]

CURRÍCULOS E AS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS

Apesar de estarmos estudando uma periodização que se inicia em 1995, a discussão sobre conhecimento em rede vem ganhando destaque no Brasil, principalmente nos estudos do currículo, no início dos anos de 1980. Trata-se de uma vertente de trabalhos desenvolvidos, inicialmente, por pesquisadoras do Rio de Janeiro, coordenados por Nilda Alves,[7] na Universidade do Estado

[6] Analisamos 284 textos, 187 Trabalhos Apresentados, 16 Trabalhos Encomendados, 59 artigos publicados no Livro organizado pelo GT e 19 artigos da Revista Brasileira de Educação. Com base nos diferentes grupos de pesquisa e autores de referência, chegamos às categorias: a) Currículo, história, política e multiculturalismo; b) Currículo, política e teoria crítica; c) Currículo e pesquisas nos/dos/com os cotidianos; d) Currículo, pós-estruturalismo e estudos culturais. Ver estudo de Santos (2011).

[7] Dentre os livros que Nilda Alves publicou sobre o tema, destacamos: Formação de professores: pensar e fazer; Trajetória em redes na formação de professores; O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo. Com Regina Leite Garcia: O sentido da escola. Com Elizabeth Macedo, Inês Barbosa de Oliveira e Luiz Carlos Manhães: Criar currículo no cotidiano.

do Rio de Janeiro, e Regina Leite Garcia,[8] na Universidade Federal Fluminense, embora, nos últimos anos, tenhamos encontrado a presença de outros pesquisadores de diferentes instituições, porém ligados ainda a essas pesquisadoras. Para tanto, basta avaliar a produção teórica sobre conhecimento em rede produzida na coleção "O sentido da escola", na série "Cultura, Memória e Currículo".

O período analisado neste artigo evidencia que a constituição do grupo se ampliou, demarcada pela relação institucional entre diferentes Programas de Pós-Graduação e grupos de pesquisas. Nesse caso, é notória a presença dos grupos de pesquisa: da Universidade Estadual do Rio de Janeiro: cotidiano escolar e currículo, coordenado por Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves; Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar, liderado por Inês Barbosa de Oliveira; da Universidade Federal do Espírito Santo: Currículos, redes educativas, coordenado por Nilda Alves e Carlos Eduardo Ferraço; Currículo, cotidiano, cultura e redes de conhecimentos, liderado por Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho; da Universidade Federal Fluminense: o grupo Alfabetização dos alunos e alunas das classes populares, coordenado por Regina Leite Garcia e Maria Teresa Esteban; e, por fim, da Universidade de Campinas: *Escritas currículo*, representação e diferenças, liderado por Antonio Carlos Rodrigues de Amorim.

É interessante notar que os líderes dos grupos de pesquisa mencionados se apresentam como autores que mais publicam nas fontes estudadas neste trabalho. Muitos deles se constituem como os principais referenciais teóricos do campo do currículo utilizados pelos pesquisadores estudados nesse tópico, como pode se observar na tabela seguinte.[9]

[8] Regina Leite Garcia publicou várias obras sobre o tema, dentre as quais: Uma orientação nova para uma nova escola; Cartas londrinas e de outros lugares sobre o lugar da educação; Diálogos cotidianos; Revisitando a pré-escola. Em parceria com Nilda Alves: Multiculturalismo: mil e uma faces da escola; O fazer e o pensar dos supervisores; Orientadores educacionais; A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática. Com Célia Linhares: Dilemas de um final de século: o que pensam os intelectuais. Com Antonio Flávio Moreira: Currículo na contemporaneidade, incertezas e desafios. Com Antonio Flávio Moreira e Maria Palmira Carlos Alves: Currículo, cotidiano e tecnologias. Com Antonio Flávio Moreira e José Augusto Pacheco: Currículo: pensar, sentir e diferir.

[9] Para a construção dessa tabela, fizemos uma listagem de todas as bibliografias usadas pelos pesquisadores identificados como membro do grupo estudado neste artigo e vinculadas às diferentes sessões do GT Currículo.

TABELA 1 – Distribuição quantitativa dos principais autores de referência

Total de citações			**866**
Total de obras			**875**
Nº	**Autor**	**Freq. Citações**	**% Citações**
1	ALVES, N.	53	6,12%
2	AMORIM, A. C. R.	16	1,85%
3	APPLE, M.	10	1,15%
4	ASSAMANN, H.	11	1,27%
5	AUGÉ, M.	12	1,39%
6	BAKHTIN, M.	10	1,15%
7	BHABHA, H.	4	0,46%
8	BRONOWSKI, J.	11	1,27%
9	CERTEAU, M.	27	3,12%
10	DELEUZE, G.	32	3,70%
11	FERRAÇO, C. E.	12	1,39%
12	FOUCAULT, M.	15	1,73%
13	FREIRE, P.	12	1,39%
14	GALLO, S.	11	1,27%
15	GARCIA, R. L.	12	1,39%
16	GIROUX, H.	12	1,39%
17	GOODSON, I. F.	9	1,04%
18	GUATTARI, F.	25	2,89%
19	LEFEBVRE, H.	15	1,73%
20	LÉVY, P.	16	1,85%
21	MATURANA, H.	17	1,96%
22	McLAREN, P. L.	10	1,15%
23	MOREIRA, A. R. B.	29	3,35%
24	MORIN, E.	28	3,23%
25	OLIVEIRA, I. B.	20	2,31%
26	PRIGOGINE, I.	9	1,04%
27	SACRISTÁN, J. G.	11	1,27%
28	SANTOS, B. S.	27	3,12%
29	SILVA, T. T.	29	3,35%
30	VARELA, F.	13	1,5%

FONTE: Elaboração do próprio autor.

Os dados apresentados na tabela aproximam-se, em parte, das análises elaboradoras por Lopes e Macedo (2005). As autoras

destacam que, enquanto a maioria da produção em currículo no Brasil se apoia na discussão oriunda de países de língua inglesa, os estudos sobre currículo em rede referenciam-se, em sua maioria, em bibliografia francesa, especialmente em autores como Certeau, Lefèbvre, Morin, Guattari e Deleuze. Observamos, nesse caso, uma ampliação de autores e origem territorial, com a presença de Boaventura de Sousa Santos, Pierre Levy, Michel Foucault, Humberto Maturana e Homi Bhabha.

Contudo, a diferenciação estabelecida neste trabalho não está na ampliação dos referenciais teóricos advindos de outros países e áreas de conhecimento, sobretudo da sociologia, mas no diálogo com o campo do currículo, tal como se apresenta na literatura internacional ou nacional. Observamos, dessa maneira, um significativo diálogo com autores internacionais dos quais se destacam Gimeno Sacristán, Michel Aplle, Giroux, MacLaren e Goodson.

No que se refere às produções nacionais, os estudos elaborados pelo grupo *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidiano* têm privilegiado um diálogo com os próprios autores que constituem o campo, coordenadores dos grupos de pesquisa, como pode ser observado na tabela apresentada, dentre eles, Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Inês Barbosa de Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço e Antonio Carlos Amorim. Observamos ainda um diálogo com outros pesquisadores que estudam currículo no Brasil. Destacam-se Antônio Flávio Moreira e Tomaz Tadeu da Silva.

Dada a aproximação entre os referenciais teóricos assumidos nas pesquisas e os objetos de estudos, resolvemos analisar os pontos em comum entre os trabalhos e, posteriormente, na medida do possível, sinalizamos as singularidades entre os autores e os grupos de pesquisa. A intenção posta em circulação está em analisar os movimentos e nuances produzidos pelas narrativas tecidas pelos atores que compõem este tópico, situando as aproximações com autores de referência e as polifonias discursivas apresentadas para o campo.

CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO, COTIDIANO, SUJEITOS, PESQUISA E CURRÍCULO

O debate produzido por 39 estudos presentes nesta categoria, dentre eles três de Nilda Alves (2003, 2006, 2008), elaborados individualmente, e três em parceria (ALVES *et al*., 2007a; ALVES *et al.,* 2007b; OLIVEIRA; ALVES, 1999), e um de Regina Leite Garcia (2004) individual e dois em parceria (GARCIA; OLIVEIRA, 2006;

ZACCUR; GARCIA, 1996) tem privilegiado, como objeto de análise, o estudo das redes de formação de professores, cotidianos, narrativa e imagem.

É intenso o diálogo com diferentes autores e uso de vários conceitos do campo da sociologia, da historiografia, da educação, dentre os quais podemos destacar pela recorrência nos estudos analisados: "cotidiano", "estratégia", "tática", "consumo", "lugar", "espaço", "uso", "cultura ordinária" (MICHEL CERTEAU); "redes", "teias", "rizomas", "acontecimento" e "cartografia" (CAPRA, DELEUZE E GUATTARI, GUATTARI, FOUCAULT **&** NAJMANOVICH); "autopoiese" (HUMBERTO MATURANA & FRANCISCO VARELA); "complexidade" (EDGAR MORIN & LEWIN); "auto-organização" (PRIGOGINE, PRIGOGINE & STENGERS); "caos" (BERGÉ & BERMAN) e "currículo real" (SACRISTÁN); "tradução", "rede de subjetividade", "conhecimento emancipação" (BOAVENTURA SANTOS); "diferenças culturais" e "hibridismo" (BHABHA); "topologia" e "hipertexto" (LÉVY); "traço" e "contexto" (DERRIDA); "paradigma indiciário" (GINZBURG).

A incorporação dessas interlocuções tem possibilitado aos estudiosos entenderem a vida cotidiana como um *espaçotempo*[10] antropológico onde/quando se vivem as práticas de experimentação que taticamente abrem novos possíveis e/ou outras formas e forças que se enredam nos cotidianos escolares, favorecendo processos inventivos e de resistência (FERRAÇO; CARVALHO, 2008). Para isso, como salientam Barbosa e Oliveira (2008), tem-se debruçado sobre a ideia da "invenção do cotidiano", forjada pelos "praticantes", conforme conceitos elaborados por Michel de Certeau, entendendo-os como usuários de normas, ou seja, não apenas consumidores passivos, mas também produtores de lances que aproveitam as ocasiões oferecidas pela circunstância em cada momento mediante as artes de fazer.

Segundo Cinelli e Garcia (2008), o que se pretende nos estudos nos/dos/com os cotidianos, ao assumir como lócus as artes de fazer, é provocar as invisibilidades das práticas dos sujeitos, fazendo a sociologia das emergências. Para tanto, como destaca Oliveira (2006), é preciso superar a dicotomia hierarquizante fundamentada na redução do real a modelos de comportamento, considerando que não há nem propostas nem práticas que possam ser inequivocamente identificadas com a regulação ou com a emancipação.

[10] Escrita usada pelos autores em que apresentam outras formas de se conceber o conhecimento para além da lógica do paradigma da modernidade.

A noção de emancipação ganha novos contornos, ou melhor, é referenciada nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos como processos que se configuram nas práticas diárias. Os deslocamentos operados nesse conceito, em comparação com as teorias críticas, manifestam a emancipação, regulação, resistência, reprodução, criatividade, inventividade como ações que se tecem na complexidade da vida cotidiana. Não projetam a emancipação como um fim das redes de formação; a formação, antes de tudo, é uma prática que deve ser exercida no projeto da vida diária.

Por isso, o foco está nos processos complexos que configuram as diferentes maneiras e artes de dizer/fazer as práticas de emancipação, que é um exercício que se estabelece nas práticas cotidianas geradas pelas tensões dos diferentes movimentos da vida.

Para tal, o grupo que constitui os autores das pesquisa nos/dos/com os cotidianos procura aprofundar o estudo a respeito dos processos, por meio dos quais os professores criam currículo cotidianamente, articulando saberes tecidos a partir da prática pedagógica, nas relações com as normas oficiais, em práticas formais de aprendizagem e de formação, além de tantos outros saberes que os constituem como redes de subjetividades (Boaventura) e que lhes permitem agir sobre a realidade social e escolar criativamente. A abordagem teórico-epistemológico-metodológica está organizada em torno da noção de tessitura de conhecimentos em rede no cotidiano, necessária para pesquisarmos os processos educativos reais, fruto do enredamento de ações, convicções, saberes formais e eventos vividos, buscando compreender o que se passa, efetivamente, nas salas de aula.

O grupo estudado neste artigo considera como sujeitos das pesquisas todos aqueles que, de modo mais visível ou mais sutil, deixaram suas marcas nesse contexto. Alves (1999) coloca em evidência a constituição de cada um como sujeito de conhecimento. Assim, os estudos nos/dos/com os cotidianos optam pelo caminho da complexidade, da complementariedade, entendendo a *praticateoriaprática* nas tessituras das redes cotidianas de conhecimentos e significações (ALVES, 2008).

Assim, conforme destaca Ferraço (2004), os estudos com o cotidiano das escolas acontecem em meio às situações do dia a dia, por entre fragmentos das vidas vividas. Procuram mostrar, por meio de *indícios efêmeros* (Ginzburg), pistas do que está, de fato, sendo feito/pensado/falado pelos praticantes cotidianos. Para tanto, os autores salientam ser preciso abandonar a lógica do

"preestabelecido" (Pais) para se tomar como campo epistemológico a lógica da descoberta com o cotidiano.

Assumem, conforme Cinelli e Garcia (2008), a intervenção direta do pesquisador como construtor, produtor das fontes e da "realidade" da pesquisa e, com isso, reconhecem, na pesquisa científica, supostamente neutra e objetiva, um caráter precário, por desconsiderar essa interferência mútua. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos expressa "[...] o 'entremeado' das relações das redes cotidianas, os diferentes 'espaçostempos' vividos pelos sujeitos cotidianos. Acontecem nos processos de 'tessitura' e contaminação dessas redes" (CINELLI; GARCIA, 2008, p. 11).

De modo geral, os autores que constituem o grupo estudado neste artigo buscam problematizar a formação e o currículo, tendo como referências as discussões no âmbito dos estudos culturais e pós-coloniais. Têm como base metodologias que pretendem viabilizar espaços de debates nas escolas e entre os seus sujeitos e os sistemas, com vistas a uma produção teórico-metodológica profícua que tome o currículo e as redes de formação praticadas no cotidiano como pontos de partida e chegada de suas leituras (FERRAÇO, 2007).

Nas investigações, têm se buscado problematizar a visão que reduz currículo a documento escrito, assumindo-o como redes de *saberesfazeres* tecidas na complexidade do cotidiano escolar. Nessa perspectiva, o interesse está em contribuir para os discursos a favor dos usos que os sujeitos praticantes do cotidiano fazem das prescrições curriculares escritas, nos processos de tradução, negociação e mímicas das enunciações culturais. Isso significa assumir os sujeitos das escolas em seus diferentes *espaçostempos* de existência como protagonistas, praticantes e realizadores da rede de *poderessaberesfazeres* da qual é tecido o currículo.

No entanto, Oliveira (2001) pondera que considerar que o que hoje está visível para um número crescente de educadores e estudiosos do cotidiano não caracteriza uma grande inovação, mas, fundamentalmente, um movimento de horizontalização das relações entre aqueles que, histórica e socialmente, desfrutaram do direito de ser reconhecidos como produtores de saber e aqueles que, por meio de "táticas desviacionistas" e "astúcias cotidianas", produziram saberes cotidianamente. Essa produção se efetua por meio dos usos que deram às regras e produtos que o poder instituído lhes impõe, mesmo sem serem oficialmente reconhecidos na sua produção (OLIVEIRA, 2001).

Esses pesquisadores partem, assim, do entendimento de que

o currículo nas escolas se constitui tanto dos conteúdos oficiais e dos valores hegemônicos sobre os quais eles se fundamentam e se legitimam quanto dos múltiplos e diferenciados valores produzidos pelas professoras que divulgam, difundem, ensinam, explicitamente ou não, uns e outros. Produzem, portanto, uma rede de conhecimentos com a qual os alunos interagem, tecendo, com seus saberes e experiências anteriores, suas novas e próprias redes (OLIVEIRA; ALVES, 1999).

Ao mergulhar com todos os sentidos no complexo mundo cotidiano, virando-o de ponta-cabeça, os autores dos estudos nos/dos/com os cotidianos buscam romper com o paradigma da modernidade, como afirma Alves (2001). Dentre as dificuldades apresentadas para o que a autora denomina narrar a vida e literaturizar a ciência, destacamos a questão do método.

Para isso, vão criando alternativas, inventariando mil maneiras de caça não autorizada ao objeto de estudo (CERTEAU, 1994), privilegiando o uso de narrativas e imagens.[11] Desenvolvendo essas ideias, do ponto de vista teórico-epistemológico e teórico-metodológico, os pesquisadores estudados neste artigo centram, assim, suas preocupações nos currículos praticados, buscando dar uma contribuição ao campo, a partir das relações dos praticantes com artefatos tecnológicos múltiplos, ou seja, com base na materialidade dos processos curriculares. Essas relações são buscadas não em observações de uso, no presente, mas em narrativas sobre as memórias dos praticantes e imagens acerca de usos que fizeram e virão a fazer, no passado, no presente e no futuro (ALVES; OLIVEIRA, 2004; ALVES, 2007).

A ideia central da autora é captar, com base nas narrativas e imagens, os "acontecimentos" entendidos como conhecimentos virtuais, buscando compreender a produção cultural do presente, discutindo fatos do passado comum, indicando possibilidades futuras aos praticantes discentes, futuros docentes, dos currículos.

Dessa maneira, Alves (2008) salienta que, em movimentos diversos, nas redes de conhecimentos e significações nas quais vivemos, em nossos tantos cotidianos, não há a "construção" de uma sólida teoria de apoio anterior às nossas ações. Segundo a autora, é a memória, conhecida e reconhecida em narrativas e imagens presentes todo o tempo, no momento mesmo das ações

[11] Nos últimos anos, Nilda Alves intensificou os estudos sobre narrativa e imagens, publicando, entre os anos de 2016 e 1995, nove artigos em periódicos e nove livros sobre o assunto.

que realizamos, como lembranças de fazeres passados e sempre presentes e alterados, que vai nos permitir organizar aquilo que faz a compreensão das *praticasteoriaspráticas*, vividas/pensadas, articuladas em modos próprios pelos fazeres. Para Alves *et al*. (2007), o trabalho elaborado com memórias e narrativas cria uma outra história da escola, diferente da "oficial", marcada, muitas vezes, pela desqualificação de seus professores/professoras e seus alunos/alunas.

A utilização das narrativas e imagens tem como finalidade o despertar constante da memória, procurando desvelar as redes de conhecimento e subjetividades que constituem as práticas curriculares. Nos estudos apresentados até o momento, observamos a centralidade da análise nas narrativas, ficando as imagens como suporte para o resgate da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, o panorama evidenciado pela regionalização e a institucionalização da produção acadêmica, circulada no GT Currículo e na Revista Brasileira de Educação, indica-nos a necessidade de uma leitura sobre o papel dos coordenadores na constituição do campo. Do grupo estudado neste artigo, temos a coordenação de Nilda Alves (1996-1997), Carlos Eduardo Ferraço (2010-2011), Inês Barbosa de Oliveira (2004-2005) e Antonio Carlos Amorim (2006-2007).

É preciso ainda colocarmos no centro da análise um dos mais importantes autores no processo de constituição do campo científico, o(a) orientador(a). A leitura, com base na identificação desses autores e de seus orientandos, possibilita-nos a ampliação da rede entre diferentes grupos de pesquisa e instituições. Dito de outro modo, embora encontremos diferentes grupos de pesquisa em várias instituições do País, é possível fazer aproximações quando assumimos como referência os orientadores e os autores de base desses grupos.

Esses pesquisadores são formadores de novos sujeitos que se inserem também em Programas de Pós-Graduação, mas, ao mesmo tempo, mantêm, em suas produções, as marcas dos orientadores. Uma leitura dos diferentes grupos de pesquisa que circulam nas fontes estudadas revela bem esse movimento de aproximação com os orientadores e instituições formadoras. Ou seja, observamos a criação de grupos interinstitucionais formados, na maioria das vezes, pelos professores e seus ex-orientandos, que

agora se encontram na condição de professor de Pós-Graduação.

As análises projetadas neste tópico nos fazem corroborar o pensamento de Alves (2008, p. 55), quando destaca, dentre várias contribuições oferecidas pelos grupos que pesquisam nos/dos/com os cotidianos no campo do currículo:

> [...] 1. a ideia de tessitura dos conhecimentos e significações em redes como modo de criação nos cotidianos;
> 2. a compreensão da necessidade desses conhecimentos criados para o existir humano, em contextos múltiplos e nos vários processos educativos;
> 3. a compreensão dos processos teórico-metodológicos (chamados 'movimentos') que precisam ser criados e ampliados para que se pesquise as redes educativas cotidianas.
> 4. destaque dado à memória obtida por meio de narrativas (orais e escritas; imagéticas e musicais) e de imagens (materiais como a fotografia ou imateriais como as lendas familiares) dos praticantes (CERTEAU, 1994) dos cotidianos, sobre o uso que fazem, em diversas e complexas táticas, dos artefatos culturais existentes, colocados à disposição pelo poder produtor, em suas estratégias para ampliar o consumo [...].

No entanto, é preciso enfatizar, ainda, como bem descreve Ferraço (2004, p. 18), que, mesmo com todo o empenho e determinação dos pesquisadores nos/dos/com os cotidianos, ainda são esses pesquisadores que decidem "[...] que fios, que lembranças, que relatos, que imagens, que histórias, que sons, sombras e silêncios se tornarão 'visíveis' aos 'olhos' dos nossos leitores".

Esse é um problema que perpassa as questões de cunho teórico-epistemológico-metodológico dos estudos nos/dos/com os cotidianos. As possibilidades apresentadas pelos autores têm contribuindo para demarcar o lugar da escola como lócus de produção de conhecimento, tendo os praticantes escolares a centralidade no processo de constituição das redes de *saberesfazeres* que enredam o currículo. Contudo, o fato de reconhecer o sujeito como autor da vida cotidiana não desloca o papel do pesquisador desse processo. Nesse caso, é preciso compreender pesquisadores e sujeitos participantes dos estudos como praticantes e colaboradores do processo de pesquisa. Assumir uma pesquisa com o cotidiano é, dessa maneira, produzir uma narrativa que se tece na complexidade multifacetada do mundo cotidiano.

Nesse contexto, as iniciativas apresentadas do uso de narrativas como fonte de pesquisa e a concepção de conhecimento – cotidianos e currículos assumidos como referencial – têm sinalizado as potencialidades, limites, tentativas e inventividades dos estudos nos/dos/com os cotidianos.

A discussão sobre currículos em redes, que teve início na década de 1980, com Nilda Alves e Regina Leite Garcia, ampliou-se em meados de 1990, ganhando novos autores, parte deles formados por essas pesquisadoras no Mestrado ou Doutorado, ou em ambos. Esses novos estudiosos se inseriram em Programas de Pós-Graduação, formando outros pesquisadores adeptos às perspectivas dos estudos com os cotidianos. Com esse movimento, foi se ampliando a tessitura das redes que compõem o grupo *Currículos e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos* e, ainda, os objetos de estudos, referenciais teóricos e métodos de pesquisa.

A leitura produzida por Nilda Alves e Regina Leite Garcia sobre Currículos e Cotidianos foi fundamental para o deslocamento do debate no campo educacional brasileiro, fortalecendo um movimento acadêmico e político que compreende a escola como lugar de produção do conhecimento, o escolar, empoderando os professores de práticas que estão longe de ser apenas submissos, pois revelam as táticas empregadas para romper a ordem imposta, produzindo novas estratégias. Ao centralizarem suas análises nas maneiras e artes de fazer dos sujeitos cotidianos, potencializam a escola como lugar próprio de produção e os sujeitos escolares como autores dessa produção. De maneira complexa, refletem sobre questões como conhecimento, formação, prática pedagógica, narrativas, imagens, instigando os leitores a outras possibilidades interpretativas.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. G. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 62-74, maio/jun./jul./ago. 2003.

ALVES, N. G. Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu 'uso' em processos curriculares de formação de professoras na educação superior – o caso do curso de pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. In: OLIVEIRA, I. B. de; AMORIM, A. C. R. de (Orgs.). **Sentidos de currículo**: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas. Campinas, SP: UNICAMP, ANPEd, 2006. p. 28-32.

ALVES, N. G. Uma ou duas coisas que diria sobre ela: a questão da prática

no Grupo de pesquisa “As redes de conhecimentos em educação e comunicação: questão de cidadania”. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (Orgs.). **Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?** Campinas, SP: UNICAMP, 2008. p. 48-56.

ALVES, N. G. *et al.* Cultura material, cotidianos e práticas culturais afro-brasileiras em diversos espaços educativos, dentro e fora da escola: discutindo as cotas e trazendo perguntas. In: AMORIM, A. C. R. de; PESSANHA, E. (Orgs.). **As potencialidades da centralidade da(s) cultura(s) para as investigações no campo do currículo**. Campinas, SP: UNICAMP, GT Currículo da ANPEd, 2007. p. 25-31.

ALVES, N. G. *et al*. Nós e nossas histórias em imagens e sons - uma história em imagens. In: AMORIM, A. C. R. de (Org.). **Passagens entre o moderno para o pós-moderno**: ênfase e aspectos metodológicos das pesquisas sobre currículo. Campinas, SP: UNICAMP, GT Currículo da ANPEd, 2007. p. 21-28.

ALVES, N. G.; OLIVEIRA, I. B. de. Imagens de escolas: *espaçostempos* de diferenças no cotidiano. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004.

BARBOSA, D. R.; OLIVEIRA, I. B. de. Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam? In*:* MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (Orgs.). **Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?** Campinas, SP: UNICAMP, 2008. p. 114-119.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27., 2004, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 2004.

FERRAÇO, C. E. Possibilidades discursivas no campo do currículo a partir das narrativas dos sujeitos praticantes do cotidiano de escolas públicas do primeiro segmento do Ensino Fundamental. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30., 2007, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 2007.

GINZBURG, C. **Mitos emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Org.). **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 55-77.

MOREIRA , A. F. B. O campo do currículo no Brasil: construção no contexto da ANPED. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 81-101, nov. 2002.

PARAÍSO, M. A. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. G. Cotidiano, redes de conhecimentos e valores. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 22., 1999, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 1999.

OLIVEIRA, I. B. de. Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar – GRPESQ currículo e cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B. de; AMORIM, A. C. R. de (Orgs.). **Sentidos de currículo: entre linhas teóricas, metodológicas e experiências investigativas**. Campinas, SP: UNICAMP, ANPEd, 2006. p. 24-27.

OLIVEIRA, I. B. de. A produção cotidiana de alternativas curriculares. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 24., 2001, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 2001.

OLIVEIRA, I. B. de.; ALVES, N. G. Cotidiano, redes de conhecimentos e valores. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 22., 1999, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 1999.

SANTOS, W. dos. **A constituição do campo epistemológico do currículo**: estratégias, apropriações e circularidades culturais operadas na ANPEd. 2011. 427f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

VEIGA-NETO, A.; MACEDO, E. Estudos curriculares: como lidamos com os conceitos de moderno e pós-moderno? In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30., 2007, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 2007.

ZACCUR, E.; GARCIA, R. L. Uma experiência de rompimento com a divisão disciplinar. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 19., 1996, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPEd, 1996.